

ANÁLISE DO DISCURSO DE PSICÓLOGOS NO TIKTOK SOBRE O TRANSTORNO DE DÉFICT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Isadora dos Santos de Souza¹

Dipaula Minotto da Silva²

Daiani Barboza³

RESUMO: O objetivo deste trabalho é compreender a relação entre o posicionamento de psicólogos na plataforma digital TikTok sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a cultura de patologização do viver. Trata-se de uma pesquisa documental qualitativa. Foram selecionados quatro vídeos bem como os dez primeiros comentários nos respectivos vídeos foram utilizados para fins de coleta e análise de dados. Desse modo, por meio da análise de discurso foram tecidas reflexões sobre as dimensões ético-políticas da prática profissional, bem como os seus impactos na construção das subjetividades. Conclui-se, portanto, que os discursos produzidos nas redes sociais virtuais causam impactos significativos nas condições de existência dos usuários que recebem tais conteúdo.

Palavras-chave: TDAH; Patologização do viver; Rede social virtual; Atividade.

ANALYSIS OF PSYCHOLOGISTS' DISCOURSE ON TIKTOK ABOUT ATTENTION DEFICIT HYPERACTIVITY DISORDER

ABSTRACT: The objective of this work is to understand the relationship between the positioning of psychologists on the digital platform TikTok regarding Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) and the culture of pathologizing life. This is a qualitative documentary research. Four videos were selected, and the first ten comments on each respective video were used for data collection and analysis. Thus, through discourse analysis, reflections were made on the ethical-political dimensions of professional practice, as well as its impacts on the construction of subjectivities. It is concluded, therefore, that the discourses

¹ Psicóloga (CRP 12/25440) graduada pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Pós-graduanda em Psicopatologia e Saúde Mental.

² Graduada em Psicologia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC / 2004); cursou Mestrado em Saúde Coletiva no Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva (Mestrado Profissional) da UNESC (2018); doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (UFSC).

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio doutoral na Università degli Studi di Roma La Sapienza, Roma, Itália. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Psicóloga, graduada pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

produced on virtual social networks have significant impacts on the conditions of existence of users who receive such content.

Keywords: ADHD; Pathologization of living; Virtual social network; Activity.

1 INTRODUÇÃO

A construção das relações é fundamentalmente social, pois a subjetividade é constituída pelos pedaços específicos, pessoais e próprios que recortamos das relações que estabelecemos. E por outro lado, há nossa autoria nesse processo. De modo análogo, de acordo com Guareschi (2018), a subjetividade intermediada pelo meio digital é construída a partir das relações que estabelecemos nas plataformas digitais. Contudo, essas podem passar inúmeras formas de manipulações, uma vez que estes meios são estruturados por algoritmos específicos e atendem determinados interesses mercadológicos (Guareschi, 2018).

As redes sociais virtuais impactam a constituição do sujeito, pois permitem que sejam criados perfis que mostram somente aquilo se quer que seja visto, ao se mostrar somente partes de si e visualizar o outro também em fragmentos. Nesses espaços os sujeitos são expostos a milhares de opiniões, o que estimula a busca pela visibilidade e necessidade de aprovação e, por conseguinte, tendem a causar impactos sobre suas visões de mundo e sobre si mesmos (Azevedo; Souza; Istoe, 2012).

As redes sociais virtuais têm tomado lugar na vida dos sujeitos de forma central. O que antes era visto como uma ferramenta de lazer, hoje é o principal meio de comunicação. Durante a pandemia de Covid-19, diversas atividades de trabalho, educação e saúde (telemedicina, triagem *on-line*) foram realizadas de forma virtual, ocasionando impactos significativos na forma como as tecnologias, sobretudo as redes sociais virtuais, inserem-se no cotidiano das pessoas. Tal cenário mobilizou crianças, jovens e adultos a ampliarem o uso da internet e aparelhos móveis para estudo e trabalho, devido aos impasses que surgiram em decorrência do isolamento social. De acordo com Pinheiro e Pinheiro (2021), os aparelhos que até então eram utilizados somente para o acesso às redes sociais, passam a ser parte de suas vidas

em totalidade, uma vez que foram utilizados para as atividades cotidianas.

Segundo dados divulgados pelo IBGE (2022) relativos à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), a porcentagem de brasileiros com acesso à internet passou de 79,5% para 84,7% entre os anos de 2019 e 2021, sendo a sua maioria por meio de telefone móvel/celular. No que diz respeito a finalidade do uso, 89,1% afirmam ser para assistir vídeos, programas de TV e séries. Tais usos implicam nos modos de subjetivação e têm implicações no campo da saúde mental.

No que se refere ao que conhecemos hoje como campo de atenção em saúde mental, é relevante dizer que a medicalização do sofrimento mental tem como pontos de partida o avanço da ciência positivista, e a revolução industrial. Em Paris, a entrada da medicina, ocorreu quase dois séculos depois da criação dos Hospital Geral. Esse período descrito por Foucault ocorreu no século XVI, e a medicalização do hospital se deu a partir do trabalho de Pinel, no século XVIII (Amarante, 2019).

Sobre os hospitais, foram criados na Idade Média como instituições que se baseavam no ato da caridade, as quais ofereciam abrigo e assistência religiosa aos pobres, mendigos e doentes. Já no século XVII funcionavam sob outra modalidade, não somente pautados na caridade, pois passaram a cumprir a função de ordem social e política. Nesse percurso histórico, os hospitais perderam sua função original de caridade, depois de controle social e passaram a serem reconhecidos como uma instituição dedicada a tratar enfermos (Amarante, 2019).

Amarante (2019) enfatiza que a partir da intervenção médica regular nos espaços hospitalares, foi possível observar, agrupar e categorizar doenças. Desse modo, o processo de medicalização do hospital fez com que a medicina passasse a ser um saber predominantemente hospitalar, ou seja, o hospital se tornou espaço de exame, enquadramento das doenças e doentes. Entretanto, o saber produzido nesse modelo era o de doenças institucionalizadas, assim, “[...] a doença isolada, em estado puro, como pretendia a história natural, terminava por ser uma doença produzida, transformada pela própria intervenção médica” (Amarante, 2019, p. 26).

Afirma o autor que foi n contexto da medicalização do Hospital Geral, que Pinel, conhecido como o fundador da psiquiatria, passou a dirigir o Hospital de Bicêtre. Pinel buscava encontrar bases científicas para os fenômenos da realidade e propôs a

liberdade dos “loucos” que deveriam ser submetidos ao tratamento asilar, o que não significava a perda da liberdade, pois acreditava que era o tratamento que poderia devolver ao homem aquilo que foi retirado pela “alienação” (Amarante, 2019). Sendo assim, Pinel elaborou e consolidou os termos alienação mental e, por conseguinte, a profissão de alienista (que hoje conhecemos como psiquiatra):

No sentido mais comum do termo, alienado é ‘alguém de fora’, estrangeiro, alienígena (a origem etimológica é a mesma). Poderia significar estar fora da realidade, fora de si, sem o controle de suas próprias vontades e desejos. Fora do mundo, de outro mundo (no mundo da lua!) (Amarante, 2019, p. 30).

A atitude científica fortemente influenciada pelo positivismo e o pensamento de Descartes, parte do pressuposto de que o mundo funciona de forma mecânica e que a produção do conhecimento deveria partir de um método que descrevesse de forma racional os fenômenos naturais. O método analítico, nesse caso, consistia em pôr em ordem lógica a decomposição de pensamentos e problemas (Filho; Chaves, 2007).

O movimento de Pinel visava a “libertação” do alienado que não seria mais visto como desrazoado e, então, seria passível de intervenção e tratamento (Furtado, 2014). Destarte, “a objetivação do fenômeno da loucura pelo discurso médico científico produz seus efeitos de poder, na medida em que a psiquiatria passa a assumir o lugar de proferir e desvelar a verdade sobre a loucura” (Furtado, 2014, p. 73).

Por longos períodos, os Hospitais Gerais funcionaram como dispositivo de manutenção e controle do poder, ou seja, de biopolítica, e foram também estudados por Foucault (2008), que introduz o conceito de biopolítica, o qual define partindo do ponto em que o Estado moderno assume a responsabilidade de gerir e regular a vida da população em termos de saúde, fertilidade, mortalidade e outros âmbitos da vida cotidiana, por meio do uso de técnicas e mecanismos disciplinares como medicina e política social para moldar e controlar os corpos e modos de subjetivação. Tal aspecto, envolve a governança de órgãos e populações a fim de otimizar a vida da sociedade como um todo, como função de poder que se manifesta por meio de estratégias reguladoras e normatizadoras para maximizar a produtividade

Ao olhar para a história de ascensão do diagnóstico de TDAH, Withaker (2017) argumenta que apesar de não aparecer no DSM até 1980, o estudo sobre o “transtorno” possuía uma longa trajetória anterior. Em 1902 o pediatra George Frederick Still pontuou, em uma série de palestras, a história de algumas crianças que apresentavam inteligência considerada normal, mas apresentavam explosões, faltas de reações a castigos, entre outros sintomas, associando-os a uma disfunção biológica. Anos mais tarde, crianças que haviam se recuperado da epidemia de encefalite letárgica exibiam também comportamentos considerados antissociais e oscilações de humor, o que fez com que os pediatras da época concluíssem que a doença havia deixado como seqüela uma lesão cerebral, ainda que a natureza da lesão não pudesse ser identificada.

Os estudos realizados desde o início do uso de estimulantes para as crianças “agitadas” vêm mostrando que tais remédios são ferramentas úteis somente para pais e professores, que relatam maior quietude nas crianças medicadas, mas não demonstram efetividade na promoção de bem-estar das mesmas e a sua etiologia segue desconhecida (Whitaker, 2017). Dessa forma, o processo de diagnóstico é pautado em comportamentos “não habituais” relatados como sintomas.

Dória (2015) afirma que a psiquiatria contemporânea se move para classificar e rotular os sujeitos a partir de critérios diagnósticos práticos e afirma que a disseminação pelos meios de comunicação faz com que algumas pessoas cheguem aos serviços de saúde mental já com um pré-diagnóstico ou autodiagnóstico, em decorrência da trivialização das classificações psiquiátricas.

Oliveira (2019), elenca reflexões sobre o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) enquanto um dispositivo biopolítico, sendo alguns deles: a antecipação dos riscos, o foco na predição de transtornos e imprecisão no estabelecimento dos limites entre o que é “normal” e “patológico”, especialmente ao indicar a tendência dos sujeitos a determinados diagnósticos. Tal imprecisão trouxe graves consequências, considerando o uso excessivo de medicações ou tratamentos desnecessários e acrescenta que “a partir das novas categorias criadas no DSM-5, muitos aspectos da vida cotidiana dos sujeitos podem ser classificados como transtornos, o que contribui no processo de medicalização da existência” (Oliveira,

2019, p 71).

Frances (2016), responsável por dirigir a elaboração do DSM-IV, alerta sobre o seu mau uso desde a sua criação. Segundo o autor as mudanças nos critérios diagnósticos com o passar dos anos, fundamentando tais críticas com o que denomina “modismos psiquiátricos” e reforça que a criação do DSM impulsionou justamente uma propagação dos “transtornos” que estariam em alta com o passar do tempo. Enfatiza, ainda, que os diagnósticos, por si só, não são vilões da problemática e sim a visão medicalizante da vida, que tem impactos na formação de profissionais atuantes (Frances, 2016).

Para Oliveira (2019), as críticas de Frances ao DSM-V são movidas pela sua insatisfação de não ter sido chamado para trabalhar na construção da quinta edição do material, visto que considera inconsistente isentar o manual de qualquer responsabilidade sobre os efeitos produzidos por ele e argumenta:

[...] tem-se que o problema não é o Manual, mas sim a conduta precipitada dos médicos, sendo que os dois, médicos e Manual diagnóstico, fazem parte de uma mesma tendência de medicalização e psicopatologização da existência humana (OLIVEIRA, 2019, p 122).

É possível conceber que a psicopatologização já vinha em uma crescente desde o DSM-IV, mas que a partir do lançamento do DSM-V, a situação passou por um forte agravamento, posto que a forma como o Manual tem sido estruturado e manejado contribui para a visão de uma “psiquiatria biologizante que estabelece um discurso único, uma relação de poder em que o médico é detentor de uma verdade a despeito do sujeito e que atua na promoção de uma ordem social sem sintomas” (Resende; Pontes; Calazans, 2015, p. 5).

Cumprido dizer que, no período de distanciamento social, orientação essencial para prevenção da contaminação da Sars-Cov-19, temas de saúde relativos à promoção e prevenção mental ampliaram sua força e destaque nas mídias digitais. Plataformas como o *TikTok* também ganharam força, tornando-se uma febre entre o público jovem, conhecida por popularizar os conteúdos produzidos. Desde então, profissionais de diversas categorias, incluindo psicólogos, têm utilizado tais mídias digitais para divulgar seu trabalho e saberes.

Bhandari e Brimo (2020), elucidam que a principal diferença entre o *TikTok* e as demais redes sociais populares como *Twitter*, *Facebook* e *Instagram* é a sua estrutura de interação. Embora todas elas direcionem a um processo de “autorrepresentação”, as redes sociais tradicionais utilizam de vias diferentes para tal, sendo elas a rede de amigos e seguidores. Enquanto isso, o *TikTok* é projetado de forma a incentivar os usuários a interagirem principalmente com duas entidades, sendo a primeira delas um algoritmo que apresenta vídeos baseados e adaptados aos seus interesses pessoais e a segunda, o próprio conteúdo de autorrepresentação. Entende-se que este aplicativo viral se destaca por promover aos usuários a experiência de “self em rede”. No lugar do estabelecimento de associações fluídas por meio de conexões com círculos sociais, o usuário experimenta a si mesmo projetado na tela.

A mobilização pelo tema escolhido se deu a partir da falta de produções voltadas especificamente para o funcionamento de tais Mídias e o impacto do seu uso para a divulgação de informação em saúde. Compreende-se, ainda, relevância de conhecer os meios e em prol do que a classe profissional da Psicologia tem trabalhado, reforçando o seu papel ético-político e o seu compromisso na garantia dos Direitos Humanos. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é compreender a relação entre o posicionamento de psicólogos na plataforma digital *TikTok* sobre o TDAH e a cultura de patologização do viver.

2 PROCESSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa se trata de uma investigação documental e qualitativa. Em primeira etapa, fora realizada a revisão da literatura voltada às temáticas de saúde, patologização e o histórico da categorização dos diagnósticos em geral. Os dados foram coletados por meio de um aparelho celular no aplicativo *TikTok*, utilizando sua ferramenta de busca com as palavras-chave “TDAH” e “TDAH em adultos”. A partir dos resultados apresentados pela plataforma, quatro vídeos de três psicólogos diferentes foram selecionados, considerando como critérios de seleção possuir CRP ativo, apresentar-se na plataforma como psicólogo e ser brasileiro.

Os vídeos selecionados possuíam em média 1,6 minutos e o seu conteúdo de áudio foi transcrito manualmente. Além desses foram analisados os dez primeiros comentários de cada um deles, que simbolizam aqueles que são mais visíveis aos demais usuários, bem como seus alcances. Tais discursos, contribuíram para que fosse possível compreender os possíveis impactos do discurso em outros sujeitos, conforme será apresentado no próximo tópico.

As narrativas dos vídeos e dos comentários foram analisadas por meio da Análise do Discurso (AD), compreendendo que esta se dá a partir da relação entre a linguística e a sociedade, considerando que existe a influência do contexto histórico e ideológico (Gregolin, 1995). Orlandi (2005), sob a ótica de Michel Pêcheux discorre sobre a AD enquanto abordagem de leitura que visa desvelar a complexidade do texto, tornando visíveis os subtextos, ambiguidades e o que não é dito. Ele enxerga o discurso como um espaço singular onde se entrelaçam a linguagem e a ideologia, e, por meio da análise das dinâmicas discursivas, procura revelar os mecanismos que demonstram como a história e a ideologia influenciam a construção de significados.

Foram selecionados quatro vídeos, de três psicólogos diferentes (dois homens e uma mulher). A identidade dos profissionais foi resguardada e, para tal, foram escolhidos codinomes para a apresentação dos resultados sendo estes: João, Natalia e Marcos.

No momento da coleta de dados, que ocorreu na primeira semana de outubro, o vídeo A de João apresentava, 209,9 mil visualizações, 26,9 mil curtidas e 426 comentários, 1.133 encaminhamentos e 4.054 salvamentos. O vídeo B, do mesmo autor, contava com 4,45 milhões de visualizações, 578,4 mil curtidas e 11,4 mil comentários. Foi encaminhado 41 mil vezes e salvo 72,7 mil vezes.

Enquanto isso, o vídeo selecionado da psicóloga Natália 881,8 mil visualizações, 42,3 mil curtidas e 2.318 comentários, 13,6 mil de encaminhamentos e 7.324 salvamentos. Por último, o vídeo do psicólogo Marcos apresentava 471,4 mil visualizações, 29,1 mil curtidas e 2.069 comentários. Foi encaminhado 1.889 vezes e salvo 2.889 vezes.

Para a apresentação dos resultados, utilizaremos siglas dos codinomes

compostas por C (comentário) JA, JB, N, M (inicial do respectivo profissional) e o número do comentário. Os comentários que ilustram a discussão foram utilizados mantendo a linguagem sem alteração da forma de escrita.

3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após (re)leitura exaustiva dos dados coletados foram definidas três categorias de análise, sendo elas: “Estigmatização”; “TDAH e produtividade” e “Popularização do conteúdo”. Tais categorias serão apresentadas e discutidas a seguir.

3.1 Estigmatização

Em consonância com o aumento da popularidade das redes sociais virtuais, evidencia-se também a propagação do discurso médico-psicológico na vida cotidiana das pessoas, potencializados por essas redes. No campo da saúde mental isso não ocorre de forma diferente. O TDAH tem sido alvo de debates, questionamentos e problematizações, devido ao número crescente de diagnósticos e o envolvimento da escola na hipótese do “transtorno” em crianças e adolescentes.

Ferreira (2016), discorre sobre o modo como questões pedagógicas e políticas vêm sendo tratadas de forma individualizada, com a responsabilização dos sujeitos que se supõe que apresentam “desordem” em relação ao padrão de comportamento esperado. No campo da saúde mental isso não ocorre de forma diferente.

Ao falar de sofrimento mental, inevitavelmente falaremos da medicalização da vida, que diz respeito a ideia de que problemas de saúde devem ser combatidos com dispositivos disponibilizados pela indústria médica-hospitalar-farmacêutica. Essa ideia reverbera sem a obrigatoriedade da intervenção médica, visto que as pessoas, por meio da divulgação e produção cultural, aprenderam a demandar o uso desses produtos, ainda que contrariado por médicos (Oliveira, 2018). Esse fenômeno perpassa, ainda, uma série de rótulos atribuídos a sujeitos que recebem o diagnóstico de determinada psicopatologia.

No filme *Fragmentado* (2016), dirigido por M. Night Shyamalan, o personagem

Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

principal (e vilão) é diagnosticado com Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). Toda a narrativa do curta gira em torno dos crimes cometidos pelo protagonista, que são justificados pelo diagnóstico. Ainda que esse não seja o enfoque central da pesquisa, o exemplo ilustra a questão dos “desvios morais” atribuídos a sujeitos em sofrimento mental.

Um dos vídeos selecionados para o presente estudo fala sobre “*O lado obscuro de um TDAH*”, conforme excerto abaixo:

João A: “Eu vou dizer que TDAHs podem desenvolver alguns comportamentos nada desejáveis. A primeira delas são comportamentos antissociais. Mas o que seria o antissocial? Vergonha de falar com a Letícia? Vergonha de falar em público? Não. Antissocial é tudo aquilo que vai contra a sociedade, que não corresponde a regras”.

No trecho é possível identificar a associação do diagnóstico de TDAH com comportamentos “indesejáveis” e que se opõem a um ideal de comportamento desejado. A ideia é endossada quando, ao citar o primeiro comportamento, João utiliza do termo antissocial referindo-se a “aquilo que vai contra a sociedade” e, por consequência, viola regras. Flores (2019) discorre acerca desse contínuo estigma, que resulta em reconfigurações emergentes da existência e do sofrimento experimentados pelos sujeitos e nos convoca a refletir sobre as formas de opressão, manifestadas por meio de correntes, paredes e muros altos dos hospitais psiquiátricos, atualizadas a novas formas de categorização de determinados modos de expressão da subjetividade como patológicos. Em outro trecho, João enfatiza algumas outras características a respeito da temática:

João A: “Não seria o sociopata, tá gente? São comportamentos muito mais brandos, mas TDAHs gostam de manipular, gostam de tirar proveito. Então eventualmente quando tem muitas pessoas, TDAH's, podem querer tirar proveito de alguma situação seja ele social ou financeiro [...]”.

Ao olharmos para a formulação das frases acima, perceberemos que TDAH aparece como sujeito nas sentenças. Nesse discurso, o profissional refere-se a TDAHs e não a pessoas. Usa-se somente o diagnóstico para se referir a esses sujeitos, os quais são ainda desqualificados e rotulados como manipuladores. Ademais, é possível perceber a conexão dos usuários com o discurso empregado, ao

olharmos para seus respectivos comentários:

CJA1: O TDAH é muito inteligente. Ele conseguirá manipular uma situação no trabalho, até pq ele é o que mais produz e tem resultado com hiperfoco.

CJA2: Sou TDAH e realmente é muito difícil aceitar regras. Sempre arrumo um jeitinho de fazer como eu quero!

A ótica é voltada para um cenário em que os comportamentos vistos como "desviantes" são associados a sintomas. Tal perspectiva, "reduz os sujeitos aos seus diagnósticos e "[...] resume as complexas individualidades das pessoas com transtornos mentais a simples amontoados destituídos de subjetividade" (Flores, 2019, p. 3). Em seu outro vídeo, João aborda também comportamentos corriqueiros de sujeitos com TDAH, os quais são reiteradamente reduzidos a determinadas características de modo cristalizado e acrítico. Assim se pronuncia:

João B: "[...] algo que seja muito engraçado do TDAH de ser observado é: TDAHs costumam falar sozinhos. Então se você vê um colega teu que tem TDAH falando sozinho, não se preocupa, ele não é esquizofrênico e nem tem um amigo imaginário, ele só está tentando arranjar uma forma de solucionar um problema interno dele que, pessoalmente, ele tem muita dificuldade [...]"

Os diagnósticos de "transtornos" mentais são orientados por manuais didático-científicos e são institucionalmente autorizados a ocuparem este espaço. Tais materiais utilizam de critérios preconizados para a tomada de decisão. Ainda com inúmeras controvérsias e sendo criticado por diversos psicólogos, psiquiatras e demais profissionais da saúde mental, o DSM V segue esta lógica. Sendo assim, é necessário lançar um olhar crítico ao que vêm sendo distribuído como saber nas redes sociais virtuais, considerando que a indicação de comportamentos corriqueiros como características patológicas pode endossar ainda mais o processo de medicalização da existência.

1. 3.2 TDAH e Atividade

Em um estudo realizado com 50 jovens de 18 a 26 anos, Rosa *et. al* (2021) enfatizam que os jovens brasileiros percebem as redes sociais como ferramentas

naturalizadas em seu cotidiano e as consideram necessárias para o convívio e a manutenção de suas relações, uma vez que possibilitam outras formas de comunicação além de agilizá-la. Ademais, mencionaram que tais plataformas podem gerar gratificações, capturar a atenção e promover a utilização constante das redes.

O ponto ao qual buscamos dar luz, é a ascensão das redes sociais virtuais no cotidiano de jovens e adultos e a forma como estão se tornando não somente um canal a mais de comunicação, mas um dos principais meios pelos quais relações são estabelecidas e gerenciadas. Para compreender os impactos de conteúdos é fundamental entender de que forma os seus usuários se relacionam com a ferramenta e quais discursos são propagados dentro delas.

Han (2019) nos convoca a refletir acerca da mudança ocorrida nos últimos anos em que a sociedade transita da obrigação e do dever para o poder. Ele afirma que a sociedade do desempenho é um produto desse processo, posto que nela os sujeitos são capturados pelo discurso de que tudo é possível. Enquanto a negatividade do “dever” é privativa e limitante, a positividade do “poder” acarreta em um maior índice de produtividade (Han, 2019).

Essa lógica de funcionamento acarreta no que o autor define como violência neuronal, que escapa a ótica por ser dotada de positividade e não ser privativa, mas exaustiva e saturante. Para Han (2019, p. 21), “o *hiper* da hiperatividade [...] representa apenas uma massificação do positivo”. Em um dos vídeos selecionados, a psicóloga Natália fala sobre dez sintomas de TDAH em adultos:

Natália: “[...] Tem momentos de hiperfoco. Que que é o hiperfoco? É quando se concentra demais em uma atividade que ele goste de fazer. Então pode ser jogo, pode ser ler um livro, pode ser estudar uma coisa que ele goste e aí, tipo, na hora ele direciona tudo aquilo para aquilo ali e faz durante horas. Você nem parece que a pessoa tem TDAH porque está super focada ali.”

É saliente na analogia que o sujeito que é reconhecido por ter déficit de atenção, pode ficar focado de forma excessiva ao se tratar de atividades específicas que vão de acordo com o seu gosto pessoal. Isso pode ser visto como contraditório se pensado sob a égide dos interesses dos modos de produção capitalista. Por um lado, se a pessoa consegue focar em suas tarefas de lazer e preferências é vista como

adequada. Por outro lado, quando não apresenta um desempenho tido como positivo no seu trabalho ou em atividades vinculadas aos meios de produção lhe é atribuída uma patologia.

Em contrapartida, observamos a crescente do termo “*workaholic*”, utilizado para se referir a pessoas que são hiperfocadas em seus respectivos trabalhos. A palavra, do inglês, é uma alteração da palavra “*alcoholic*”, cuja tradução para o português é alcoólatra, sendo assim, um “*workaholic*” seria alguém viciado em trabalhar. Em outros termos, esses sujeitos têm o seu hiperfoco voltado para o trabalho ou sua vida acadêmica, mas negligenciam, de certa forma, sua vida pessoal e lazer. O contrário, apesar de ser associado a uma patologia, aparece não somente como mais aceitável, mas tal postura é defendida como se fosse benéfico aos sujeitos. Sobre a relação dos sujeitos com as atividades, Natália pontua:

Natália: “[...] ele faz várias coisas ao mesmo tempo e não termina todas, porquê? Porque quer abraçar o mundo com as pernas, né. Quer fazer academia, quer estudar, quer trabalhar, quer fazer tudo e aí sempre acaba deixando várias coisas de lado. Então, começa muitas coisas, mas não consegue terminar [...]”.

O que é pontuado por Natália diz respeito ao início de inúmeras tarefas assumidas que não são terminadas. Nesse sentido, atribui-se ao diagnóstico de TDAH o “impulso” de querer conciliar muitas atividades. Tal ideia reforça o estigma atribuída a pessoas com TDAH.

Han (2019), entretanto, amplia a discussão acerca da técnica de atenção *multitasking* (multitarefa), que diz respeito a capacidade de realizar inúmeras tarefas ao mesmo tempo, embora enfatize que ela não representa nenhum avanço, mas um grande retrocesso, visto que esta é uma técnica imprescindível na vida selvagem, onde um animal precisa estar atento a diversos fatores como comer e se preocupar com possíveis predadores ao mesmo tempo. O *multitasking* deteriora a capacidade contemplativa da vida e faz com que “[...] o bem viver, à qual faz parte também uma convivência bem-sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver” (Han, 2019, p. 33).

Em outros termos, o que é difundido no cotidiano da sociedade do desempenho

representa aquilo que, quando não pode ser alcançado, torna-se um sintoma. Enquanto isso, a lógica do cansaço como efeito da produtividade e sinônimo de “sucesso” cresce e, ainda, seleciona quais são os corpos que merecem o seu reconhecimento. Existe uma relação dialética entre a burguesia neoliberal e os corpos vistos como “eficientes”. Sob essa ótica o corpo masculino e branco é considerado aquele que alcança o “sucesso” demonstrando sua disposição em passar horas na academia, trabalhar até tarde, pois “seu esgotamento é a prova do seu triunfo sobre as necessidades básicas dos simples mortais” (Vergès, 2020, p.19). Para a autora, enquanto isso, corpos femininos racializados, explorados e exaustos são invisíveis. As donas desses corpos são as mulheres que abrem a cidade, limpam os espaços e os escritórios dos homens brancos de “sucesso”.

2. 3.3 Popularização do conteúdo

O TikTok é uma plataforma de mídia social chinesa, lançada em 2016, com o nome original *Musical.ly* que permitia aos usuários criarem, compartilharem e descobrirem vídeos curtos. Desde a renomeação do aplicativo, a rede social tem se tornado cada vez mais popular, especialmente entre os jovens, pois permite a criação de vídeos de até 60 segundos, que podem ser editados ou sincronizados com músicas populares, o que contribui para que se espalhem rapidamente. (Montag; Yang; Elhai, 2021).

Apesar de sua popularidade notável, McCashin e Murphy (2022), ressaltam a falta de pesquisas realizadas pelas áreas de psicologia e psiquiatria em relação a plataforma e que utilizem avaliações metodológicas sobre o conteúdo do *TikTok* e seus impactos para a saúde pública e mental. Ainda sobre o público alcançado, Montag, Yang e Elhai (2021), discorrem sobre a existência de usuários ativos, que possuem maior engajamento com a rede, seja por meio de comentários e carregamentos de vídeos. Existem ainda os usuários “passivos”, que são aqueles que utilizam a ferramenta somente para o consumo de vídeos e pouco interagem. A diferenciação de usuários supracitada dificulta a mensuração de qual é o público alcançado pelo aplicativo.

Dessa forma, é possível entender que o *TikTok* surge como inovador, visto que se diferencia de outras redes sociais por apresentar ao usuário a visão de imersão na tela, de forma que os vídeos apresentados ocupem toda a tela do celular, favorecendo a captura da atenção. Ainda que existam usuários considerados ativos na plataforma, o seu uso ainda é muito mais passivo em detrimento das demais Mídias, visto que os usuários não necessariamente buscam de forma mecânica o que querem assistir, mas são apresentados a conteúdos personalizados de acordo com o seu próprio padrão de uso (Montag; Yang; Elhai, 2021). A facilidade na viralização de conteúdos e o público assíduo no *TikTok* pela sua fama, tem atraído profissionais das mais variadas áreas, que enxergam a plataforma como uma ferramenta de divulgação de seus trabalhos e saberes.

As redes sociais virtuais são alvo das estratégias de marketing e expansão da indústria farmacêutica, o que pode incidir no aumento de diagnósticos, “difundindo uma versão patológica e medicalizável de todas as formas de inquietação e inadaptação à norma” (Furtado, 2014, p. 180). Amarante e Freitas (2017) enfatizam que o processo de construção social da doença vem sendo substituído pelo processo de construção corporativo da doença, considerando a aliança entre a medicina e a indústria farmacêutica. As redes sociais virtuais podem atuar, nessa ótica, como ferramentas de expansão massiva de tais temáticas.

O processo de transformação das formas de agir e pensar no mundo vêm sendo categorizados como fenômenos originados do cérebro, com causalidade biológica, eis então o mito do desequilíbrio químico. A premissa de que o excesso ou falta de determinados neurotransmissores nas fendas sinápticas ocasionam determinados “transtornos” mentais, faz com que medicamentos sejam vendidos para “equilibrar” a química cerebral (Amarante; Freitas, 2017).

A crescente popularização do TDAH, tem se ampliado no público adulto. Desse modo, vídeos sobre o TDAH povoam a internet. Com a popularização do *TikTok*, os vídeos de “abaixe um dedo” vêm tomando espaço na plataforma. Vídeos neste formato incentivam os usuários a fazer duetos com uma espécie de questionário. Sendo assim, quando o autor do vídeo em questão fala sobre algum tópico que o usuário que está assistindo concorda, ele abaixa um dedo e, ao final, o número de

dedos abaixados é pontuado nos comentários ou no compartilhamento com amigos. O psicólogo Marcos, em um dos vídeos selecionados para a pesquisa, utiliza da técnica, conforme segue:

Marcos: “Eu tenho TDAH. Será? Abaixei um dedo para cada sintoma que você se identificar. Quero te ver duetando esse vídeo comigo. Ok? Abaixei um dedo se você tem dificuldade de prestar atenção em detalhes e tarefas. Abaixei um dedo se você se distrai facilmente com estímulos visuais ou sonoros. Abaixei um dedo se você tem problemas para escutar quando falam com você. Abaixei um dedo se você é desorganizado[...].”

O vídeo segue com o apontamento de outras características que podem ser lidas como generalistas e pouco precisas, afinal ser desorganizado ou ter dificuldade para escutar quando alguém está falando não necessariamente é resultado do TDAH. Em relação a isso, o profissional adverte ao final do vídeo:

Marcos: “Se você abaixou um dedo ou mais não significa necessariamente que você tenha TDAH. Mesmo que sejam sinais comuns. Na verdade, isso significa que você deve procurar ajuda profissional para avaliar melhor o seu caso para que assim você possa ter uma melhor qualidade de vida”.

Apesar do advertimento contido nos minutos finais, podemos estabelecer algumas conexões sobre os impactos promovidos pelo conteúdo se olharmos atentamente aos comentários deixados no vídeo em questão, especialmente quando comparados a comentários deixados no vídeo A de João.

CM1: “Abaixei todos, ô começando a achar que eu tenho tdah”.

CM2: “Eu abaixei 12 dedos ok eu tenho TDAH e ansiedade”.

CJA3: “Isso é sério mano? Porque eu sou completamente assim, e nunca me questioneei sobre eu ser um tdah”.

A diferença entre os comentários aparece na forma em que a existência do “transtorno” é mencionada. Enquanto no vídeo de Marcos, o profissional fala sobre ter TDAH, João fala sobre ser TDAH e o mesmo se replica em seus comentários. Enquanto nos vídeos de Marcos as inquietações são referentes a possuir um diagnóstico, no de João a preocupação é sobre ter a condição de TDAH, mas ambas as concepções se desvelam reducionistas e são apresentadas de forma

sensacionalista aos usuários da plataforma, que geralmente as tomam como supostas “verdades”.

Ao considerarmos o funcionamento da plataforma *TikTok*, um outro ponto chama a atenção, visto que a rede social oferece ao usuário a impressão de estar se relacionando consigo mesmo. De tal modo que os usuários interagem diretamente com um algoritmo inteligente e, não necessariamente, com uma rede de amigos, a forma de relação que estabelecem com determinado conteúdo, estimula o algoritmo a enviar mais conteúdos semelhantes. Sendo assim, o incentivo ao compartilhamento dos vídeos aparece, nesse cenário, como um fator a mais que pode fazer com que conteúdos relacionados ao TDAH apareçam diversas vezes no dia para uma mesma pessoa.

João A: “mas se você conhece alguém que não escuta aquilo que você faz é teimoso ou que é manipulador e tem TDAH compartilha esse vídeo com ele, comente aqui embaixo. Tchau, gente!”

João B: “Então, se isso te incomoda bastante tem meu link aqui no bio. Vamos conversar e aí a gente pode tirar a limpo basicamente o que acontece contigo. Mas tem tratamentos sim. Está bom gente? Então compartilha aí aqui embaixo. Comentem. Tchau, gente!”

O incentivo ao compartilhamento dos vídeos com amigos e familiares indica os respectivos números de encaminhamentos. O vídeo A de João foi encaminhado 1.133 vezes, enquanto o vídeo B alcançou 41 mil encaminhamentos. Dessa forma, o conteúdo apresentado vai sendo propagado de forma exacerbada. Com isso, o que em algum momento foi associado a um sintoma do “transtorno”, torna-se somente uma característica corriqueira banalizada que justifica e explica determinados comportamentos. Em alguns casos, os usuários marcam uns aos outros, sinalizando que identificaram semelhanças ou associam os seus próprios comportamentos com outras psicopatologias e classificações clínicas:

CN10: “@usuário toma seu diagnóstico kkk eu me identifiquei tb”

CJA4: “Na moral ele me descreveu até então eu pensava que tinha traços de sociopatia. Entretanto você me esclareceu muito obg.”

Enquanto em quarenta comentários selecionados para a pesquisa, somente

um apresenta a ideia de oposição aos argumentos apresentados:

CJB6: “e outra, não é só pq vc tem todos os tics, não significa que vc tenha tdah”

Tal situação demarca o lugar amplo que as redes sociais exercem na manipulação de subjetividades que se entrelaçam a visões que patologizantes do viver. Assim, “ocuparam-se das doenças e esqueceram-se dos sujeitos que ficaram apenas como pano de fundo das mesmas” (Amarante, 2019). A frase nos convoca a refletir a respeito do que impulsiona a produção de conteúdo sobre os “transtornos” mentais nas redes sociais virtuais, quais são os impactos alcançados e se eles correspondem. Aquilo que surge com a proposta inicial de levar conhecimento em saúde para a população vêm se tornando ferramenta para distribuir rótulos e corroborar para o discurso biomédico que reduz as formas de subjetividade a classificações que não potencializam os sujeitos para a cidadania e ao bem-viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre os modismos psiquiátricos e a patologização da vida nos acendem um alerta acerca do compromisso ético-político da psicologia na garantia da dignidade humana, livre de rótulos e estigmas. Com a crescente das redes sociais, os debates de saúde mental estão sendo vistos com maior frequência na *Internet*. As consultas de seis minutos onde pouco se ouve o paciente e suas queixas, criticadas por Frances (2016) sobre o uso do DSM, tem sido transposta em vídeos de 60 segundos a 3 minutos, numa rede algoritmizada, que adapta o seu conteúdo com base nas preferências do usuário, naquilo que mais consomem, o que inclui até mesmo aquilo que mais os preocupa. As afirmações feitas nas redes sociais são tidas por pessoas leigas como verdades absolutas, sobre as quais passam a questionar a si mesmas e os seus modos de subjetivação como se fossem patológicos ou anormais.

Considerando o alcance das redes sociais virtuais é fundamental pensar de forma crítica a respeito da produção de conteúdos sobre os saberes. Propõe-se a ampliação da discussão acerca do discurso que vem ocupando os ambientes virtuais,

principalmente se considerarmos que tais ferramentas ocupam espaços cada vez mais significativos nas vidas dos sujeitos. É crucial compreender o impacto das redes sociais virtuais na vida das pessoas em mais pesquisa, desbravadas de forma ética e crítica.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2019.

AMARATE, Paulo; FREITAS, Fernando. **Medicalização em Psiquiatria**. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2017.

AZEVEDO, Jefferson Cabral; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros; ISTOE, Rosalee Santos. A coisificação do “eu” e a personificação da “coisa” nas redes sociais: verdades e mentiras na formação das estruturas de identidades. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 67-76, 17 abr. 2012. FapUNIFESP (SciELO).

BHANDARI, Aparajita; BIMO, Sara. TIKTOK AND THE “ALGORITHMIZED SELF”: A NEW MODEL OF ONLINE INTERACTION. **IoIR Selected Papers of Internet Research**, [S. l.], v. 2020, 2020. DOI: 10.5210/spir.v2020i0.11172.

FILHO, Manoel Moacir de Farias Chaves; CHAVES, Suzana Maria Lucas de Farias. A ciência positivista: o mundo ordenado. **Iniciação Científica Cesumar**, Maringá, v. 2, n. 2, p. 69-75, jul. 2007.

DÓRIA, André Luis Prado. **Etiquetas médicas no campo da saúde mental**. 2015.110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Psicologia., Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

FERREIRA, Giuliana Sorbara. **TDAH: uma doença que se pega na escola**. 2016. 174f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.

FLORES, Douglas. A importância dos profissionais de saúde na desinstitucionalização do estigma dos sujeitos com transtornos mentais. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, Porto**, n. 23, p. 41-46, jun. 2020.

Fragmentado, dir. M. Night Shyamalan. Universal City, CA: Universal Studios. 2016.



Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

FRANCES, Allen. **Voltando ao Normal**: como o excesso de diagnósticos e a medicalização da vida estão acabando com a nossa sanidade e o que pode ser feito para retomarmos o controle. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo Martins Fontes, 2008.

FURTADO, Mariama Augusto. **O lugar do sofrimento na cultura contemporânea**: patologização do mal-estar e medicalização da vida. 2014. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicossociologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995.

GUARESCHI, Pedrinho. Psicologia e Pós-Verdade: a emergência da subjetividade digital. *Psi Unisc*, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 19, 20 jul. 2018. **APESC - Associação Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul**. <http://dx.doi.org/10.17058/psiunisc.v2i2.12242>.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

IBGE/PNAD (2022). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em: 29 maio 2023.

MCCASHIN, Darragh; MURPHY, Colette M. Using TikTok for public and youth mental health – A systematic review and content analysis. **Clinical Child Psychology And Psychiatry**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 279-306, 10 jun. 2022. SAGE Publications.

MONTAG, Christian; YANG, Haibo; ELHAI, Jon D. On the Psychology of TikTok Use: a first glimpse from empirical findings. **Frontiers In Public Health**, [S.L.], v. 9, 16 mar. 2021. Frontiers Media SA.

OLIVEIRA, Thais Fernanda Roberto. **Patologização do luto: uma análise genealógica do dsm**. 2019. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ORLANDI, Eni. Michel Pêcheux: análise de discurso. **Estudos da língua(gem)**. n.1, p. 9-13, 2005.

PINHEIRO, Ana Paula; PINHEIRO, Fernanda. O uso do celular em tempo de Pandemia: uma análise da nomofobia entre os jovens. **Revista Tecnologias Educacionais em Rede**, Santa Maria, v. 2, n. 3, out. 2021.

RESENDE, Marina Silveira de; PONTES, Samira; CALAZANS, Roberto. O DSM-5 e

suas implicações no processo de medicalização da existência. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 534-546, dez. 2015.

ROSA, Gabriel Artur Marra; FERREIRA, Jane Farias Chagas; MAUCH, Ana Gabriela; ALBUQUERQUE, Fernanda Lima de; CAMPELO, Gustavo; MACEDO, Maria Luíza. Percepção de Jovens Brasileiros sobre as Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 37, 2021.FapUNIFESP (SciELO).

VERGÈS, Françoise. **Um Feminismo Decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WITHAKER, Robert. **Anatomia de uma Epidemia**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017.